

INTOXICAÇÃO POR METAL PESADO EM ANU-BRANCO (*Guira guira*)

MARINA CHAGAS DOS PASSOS¹; ALAN SANTOS BEANES²; MAYANA LIMA SÁ²; YNARA PASSINI²; RAQUELI TERESINHA FRANÇA³

¹Universidade Federal de Pelotas – marinachpassos@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – alanbeanes@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – mayanalimasa@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – ynarapassini@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – raquelifranca@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O anu-branco (*Guira guira*) é uma ave pertencente a Ordem Cuculiforme, família Cuculidae e Gênero *Guira*. Segundo BELTON (2003), *Guira guira* faz parte de um dos grupos de aves encontrado com mais frequência no Estado do Rio Grande do Sul, onde ocupa campos, cercas-vivas, capoeiras, pomares e vegetação à beira de estradas. Os machos adultos medem de 40,1 a 42,1 cm e pesam de 124 a 157g, as fêmeas adultas medem em torno de 43,4 cm e pesam, em média, 153g.

Os anus possuem uma dieta carnívora, a base de lagartixas, camundongos, gafanhotos, percevejos, aranhas, miriápodes, filhotes de outras aves, entre outros. Na época seca, quando há escassez desses alimentos, podem fazer a ingestão de frutas, bagas, coquinhos e sementes. É comum encontrar esses animais alimentando-se em pastagens com vegetação rasteira, capinzais e locais com grama alta, com árvores, cercas e postes servindo de poleiros. Os hábitos alimentares dos anus, baseiam-se no forrageamento do solo, o que pode facilitar a ingestão de diversas substâncias que podem causar intoxicação (MARTINS; DONATELLI, 2001).

A exposição a toxinas em espécies de vida livre é mais frequente do que em animais de cativeiro, devido a possibilidade de se alimentarem em ambiente onde há oferta de diversos tipos de alimentação. Em razão da fisiologia das aves e a natureza potencialmente fatal da maioria das toxinas ingeridas, é de grande relevância realizar o atendimento do animal intoxicado em tempo hábil, pois o tratamento de escolha poderá ser decisivo para o processo de reabilitação. Os relatos de intoxicação em aves são, na sua maioria, de natureza metálica, gasosa e farmacológica (LABONDE, 1995).

As aves são extremamente sensíveis às mudanças no ambiente, sendo utilizadas como sentinelas para detecção de gases venenosos em minas de carvão e detecção de metais pesados, toxinas e/ou produtos químicos em corpos d'água. Esses animais são sensíveis a metais pesados, com o chumbo, zinco, cádmio, cobre, mercúrio e ferro. Os metais pesados que mais comumente causam toxicidade são chumbo e zinco; as causas menos comuns são mercúrio e cobre (MARKOWSKI, 2013).

Objetivou-se, com o presente trabalho, relatar o atendimento e o tratamento realizado a um exemplar de anu-branco (*Guira guira*), recebido no Núcleo de Reabilitação da Fauna Silvestre/Centro de Triagem de Animais Silvestres da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), diagnosticado com intoxicação por ingestão de metal pesado.

2. METODOLOGIA

Foi recebido no Núcleo de Reabilitação da Fauna Silvestre/Centro de Triagem de Animais Silvestres da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), um exemplar de anu-branco (*Guira guira*), jovem, sem sexo definido, pesando 85g. Foi realizada anamnese e exame físico no animal. Inicialmente, suspeitou-se de fratura em pelve ou lesão em coluna, então instituiu-se a terapia recomendada para esses casos. Após a estabilização inicial, o animal foi encaminhado para a avaliação radiográfica, nas projeções ventrodorsal e laterolateral, sendo realizada dois dias após sua chegada.

O diagnóstico foi concluído através do exame de imagem da cavidade celômica, visto que os sintomas clínicos da intoxicação são inespecíficos. Desta forma, analisou-se o estado geral da ave e levando-se em consideração a depressão progressiva, a anorexia e as alterações neurológicas, optou-se por realizar a cirurgia de remoção do metal presente no trato gastrointestinal. O objetivo do tratamento foi realizar intervenção de urgência, para evitar que o metal continuasse a causar intoxicação ou que houvesse inflamação e ruptura no local onde o metal estava alojado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na anamnese, identificou-se que o animal havia sido encontrado em via pública com dificuldade para se locomover. No exame clínico, constatou-se que a ave apresentava bom escore corporal, pois era um animal jovem, auscultação cardíaca e pulmonar normais, mucosas normocoradas, depressão, apatia, sonolência, fraqueza muscular, era pouco responsivo a estímulos externos e permanecia em decúbito ventral. Segundo Pollock (2006), a intoxicação por metais pesados é a toxicose mais comum relatada em aves. Os sinais clínicos são multissistêmicos, envolvendo os sistemas hematopoiético, neurológico e gastrointestinal (LIGHTFOOT; YEAGER, 2008). A intoxicação pode ser vista em aves de estimação ou selvagens, sendo o chumbo e zinco os mais frequentemente diagnosticados em animais de estimação (PINHEIRO, et al., 2018).

Nos exames de radiografia, observou-se a presença de estrutura com aumento de radiopacidade no trato gastrointestinal (figuras 1 e 2). As impressões radiográficas relataram corpo estranho metálico em ventrículo.



Figuras 1 e 2. Radiografia ventro-dorsal e latero-lateral identificando a presença de metal no trato gastrointestinal de um exemplar de anu-branco (*Guira guira*).

O histórico de vida livre, os sinais clínicos e os exames de imagem foram essenciais para chegar ao diagnóstico, sendo a radiografia uma importante ferramenta para auxiliar o médico a tomar a decisão de realizar um procedimento cirúrgico que será determinante para a sobrevivência do animal.

Para a cirurgia, o animal foi posicionado em decúbito dorsal e realizou-se a incisão da pele, sobre o lado esquerdo do abdome, na porção onde se localiza o ventrículo. Realizou-se a divulsão até expor as alças intestinais, isolando-se a região com gaze estéril. Ao realizar a palpação, o objeto foi encontrado nas alças intestinais e não no ventrículo, como as imagens radiográficas haviam sugerido. Realizou-se a enterotomia com bisturi, acessando a luz do órgão e fazendo a retirada cuidadosa do objeto metálico. Na rotina clínica e cirúrgica de cães e gatos, os casos de obstruções intestinais são considerados cirurgias emergenciais e quando o corpo estranho está alojado há muito tempo o prognóstico é desfavorável (RAMALHO et al., 2015). Existem vários protocolos médicos que recomendam a remoção de corpos estranhos ingeridos por aves. Para tratar uma ave intoxicada, deve-se prevenir a exposição ao tóxico, retardar a absorção, instituir terapia com quelantes, facilitar a remoção do tóxico e instituir terapia de suporte. A fluidoterapia é recomendada como base do tratamento de suporte para que não haja danos aos rins, pois os metais pesados prejudicam o funcionamento dos néfrons (PINHEIRO, et al., 2018).

A realização de procedimentos cirúrgicos em aves deve ser feita de forma asséptica e é importante que o cirurgião esteja habituado com a anatomia única desses animais (CUBAS; GODOY, 2007). Segundo CASTRO (2010), a enterectomia é pouco realizada em aves, enquanto a ingluviotomia é realizada com frequência para a retirada de corpos estranhos que geralmente ficam alojados no inglúvio.

4. CONCLUSÕES

A escolha do procedimento cirúrgico foi decisiva para realizar a retirada com sucesso do metal que estava alojado nas alças intestinais do animal. O objeto poderia continuar causando intoxicação ou perfurar o órgão caso não fosse removido com urgência. Desta forma, ratifica-se a importância de realizar um rápido diagnóstico da intoxicação em animais de vida livre e definir qual procedimento será realizado para minimizar possíveis efeitos negativos ao animal.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTON, W. 2003. **Aves do Rio Grande do Sul: Distribuição e Biologia**. São Leopoldo, Editora Unisinos, 584p.

CASTRO, P. F. **Afecções cirúrgicas em aves: estudo retrospectivo**. [Surgical disorders in birds: retrospective study]. 2010. 170f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CUBAS, Z. S.; GODOY, S. N. Medicina e patologia de aves de companhia. In: AGUILAR, R.; HERNÁNDEZ-DIVERS, S. M.; HERNÁNDEZ-DIVERS, S. J. **Atlas de medicina, terapêutica e patologia de animais exóticos**. São Caetano do Sul: Interbook, 2007. p. 213-264.

LABONDE, J. Toxicity in pet avian patients. **Seminars in Avian and Exotic Pet Medicine**, v. 4, n. 1, p. 23–31, 1995.

LIGHTFOOT, T. L.; YEAGER, J. M. (2008). Pet bird toxicity and related environmental concerns. **Vet. Clin. North Am. Exot. Anim. Pract.** 11 (2), 229–259.

MARKOWSKI, M.; KALIŃSKI, A.; SKWARSKA, J.; WAWRZYŃIAK, J.; BAŃBURA, M.; MARKOWSKI, J.; ZIELIŃSKI, P.; BAŃBURA, J. (2013). Avian feathers as bioindicators of the exposure to heavy metal contamination of food. **Bulletin of environmental contamination and toxicology**, 91(3), 302–305.

MARTINS, F. C.; DONATELLI, R. J. (2001). Estratégia alimentar de *Guira guira* (Cuculidae, Crotophaginae) na região centrooeste do Estado de São Paulo. *Ararajuba* 9 (2): 89-94.

PINHEIRO, E.C.; MELO, R.C.; GRESPAN, A. et al. Heavy Metal Poisoning in a Cockatiel (*Nymphicus hollandicus*). **Acta Scientiae Veterinariae**, 46 (Suppl 1): 251. 2018.

POLLOCK, C. 2006. **Diagnosis and Treatment of Avian Renal Disease. Veterinary Clinics of North America – Exotic Animal Practice.** 9: 107-128.

RAMALHO, C. A.; RIOS, P. B. S.; PONTES, K. C. S.; PIRES, S. T. D.; DANTAS, W. M. F. OBSTRUÇÃO INTESTINAL POR CAROÇO DE MANGA EM CÃO: RELATO DE CASO. **ANAIS SIMPAC**, v. 3, n. 1, 2015.